

Um falso conflito

O conflito entre as propostas dos economistas Daniel Dantas e Zélia Cardoso de Mello para o plano de estabilização econômica, discutidas esta semana em Roma, bem poderia ser resolvido por uma decisão simples — adotando-se as duas.

As idéias da principal assessora econômica do presidente eleito, como já tivemos oportunidade de observar aqui, constituem o arcabouço de um plano de estabilização no sentido próprio do termo. Não conduzem, absolutamente, ao combate à inflação. Inversamente, o plano exposto pelo economista Daniel Dantas não conduz em si mesmo à estabilização, mas à queda brusca da inflação, após o que as medidas estabilizadoras da economia teriam de ser psotas em andamento para se tentar um largo período de estabilização e crescimento.

A economia Zélia Cardoso de Mello defende um programa de remoção das causas históricas da inflação, basicamente a reforma do Estado e a renegociação da dívida externa. Não avança um passo em relação à dívida pública interna e parece incorrer num equívoco ao considerá-la efeito e não causa da inflação. Este último aspecto encerra uma questão semelhante à do ovo e da galinha. É impossível determinar-se agora quem puxa o quê, sabendo-se, fora de dúvida, que na dinâmica atual da inflação brasileira se contém o fenômeno do círculo vicioso, em que causas e efeitos se combinam e se confundem. A economista negligencia também a gravidade da questão social brasileira, ao preconizar um analgésico tipo “vale-comida” para o hiato recessionsita dos primeiros meses do novo governo.

Não é viável derrubar a inflação do patamar onde se encontra senão através do choque. O gradualismo intrínseco à proposta da principal assessora de Collor poderá ter efeito contrário sobre a inflação na medida em que disseminar na sociedade a idéia de hesitação do novo governo e de prolongar o estado atual, levando os agentes a se rearmarem na psicologia inflacionária após o momento inicial de expectativa. O choque, tal como previsto pelo economista Daniel Dantas, talvez seja o remédio adequado. A inflação cairá, sem dúvida, através do artifício do prolongado feriado bancário durante o qual não haverá disponibilidades de moeda em poder do público, seguindo-se o congelamento total e absoluto de preços e salários. Neste ponto é que, a nosso ver, deve começar o programa de Zélia Cardoso de Mello — um programa voltado para o futuro, na suposição de que o presente esteja equacionado pelas medidas impactuais aplicadas.

Receamos que o presidente Fernando Collor, como deu sinais em Roma, pretenda optar pelo programa gradualista, excluindo toda idéia de choque. Seguramente não terá êxito. É seguramente não terá depois outra oportunidade, porque os agentes tenderão a reagir em face de novas intervenções, tal como reagem agora diante dos programas econômicos do presidente Sarney. As preliminares básicas — credibilidade do novo governo, expectativa e inflação alta — estão postas para que se promova um choque semelhante ao do cruzado, apenas com a diferença de que as medidas saneadoras não poderão ser negligenciadas como o foram naquela ocasião.